

EIS QUE FAÇO UMA COISA NOVA: NÃO A PERCEBEIS? (Isaías)
Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação
Rímíni, 27 de abril de 2018

Anotações da Introdução de Julián Carrón

«Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?»¹ A capacidade de perceber as coisas pertence à natureza do homem, é parte de sua grandeza incomparável a nenhuma outra criatura. Infelizmente, muitas vezes prevalece em nós a obviedade ou a superficialidade. Quem, entre nós, vendo os rostos pintados por Caravaggio, enquanto estávamos escutando o *Fac ut ardeat cor meum* do *Stabat Mater* de Dvorak, não advertiu todo o desejo de ficar tomado como aqueles rostos, tão dominados por um conhecimento de Cristo que penetrava até ao coração? Mas – pensamos – como poderemos nós, frágeis como somos, chegar a conhecê-Lo? É por isso que Jesus nos oferece um grande consolo: «Tendes necessidade do Espírito. É o Espírito quem vos conduzirá à verdade plena».² Peçamos então ao Espírito que nos conduza a um conhecimento de Cristo presente no real, na história, que faça arder o nosso coração.

Oh! vinde, Espírito Criador

Dou início lendo a mensagem de saudação que o Santo Padre nos enviou: «Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rímíni, com o título “Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?”, Sua Santidade o Papa Francisco dirige seu cordial pensamento e seus bons votos. Ele os convida a fazer experiência viva de Cristo presente na Igreja e nos eventos da história, mudando a própria vida para poderem renovar o mundo com a força do Evangelho. É a contemplação do rosto de Jesus morto e ressuscitado que recompõe a nossa humanidade, mesmo aquela fragmentada pela dureza da vida, ou aquela marcada pelo pecado. O Santo Padre deseja que os que seguem o carisma do falecido monsenhor Luigi Giussani deem testemunho do amor concreto e poderoso de Deus, que opera realmente na história e determina seu destino final. E, enquanto pede que rezem em apoio ao seu ministério petrino, invoca a proteção celeste da Virgem Maria e confere de coração ao senhor e a todos os participantes a implorada bênção apostólica, estendendo-a aos que estão conectados via satélite e à inteira Fraternidade. Do Vaticano, 27 de abril de 2018, cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado de Sua Santidade».

1. A consequência de um deslocamento

Desde o Dia de Início de Ano, há uma frase de Dom Giussani que ficou dentro de mim como um martelo: «No início construía-se, tentava-se construir sobre algo que estava acontecendo [...] e nos tinha investido. Por mais ingênua e exageradamente desproporcionada que fosse, esta era uma posição pura. Por isso, por tê-la como que abandonado, tendo-nos atido a uma posição que foi, diria eu, acima de tudo uma “tradução cultural” mais do que o entusiasmo por uma Presença, nós não conhecemos – no sentido bíblico do termo – Cristo, nós não conhecemos o mistério de Deus, porque não nos é familiar».³

¹ Is 43,19.

² Cf. Jo 16,13.

³ L. Giussani, *Una strana compagnia*. Milão: BUR, 2017, pp. 88-9.

O deslocamento do entusiasmo com uma Presença para uma tradução cultural teve como consequência não termos conhecido a Cristo. E vê-se que não conhecemos a Cristo pelo fato de não nos ser familiar.

Parece-me que não há desafio maior do que o contido nesta provocação: se ao longo do caminho Cristo não se torna mais familiar, haverá cada vez menos interesse por Ele, e tudo o que fizermos será então uma consequência cada vez mais separada de sua origem, como um ramo seco, que nos deixará a cada dia mais decepcionados, com amargura na boca.

O trabalho feito desde o Dia de Início de Ano deu a cada um a possibilidade de dar-se conta do caminho que percorreu nestes meses. Como entender se conhecemos mais a Cristo? Por que sinais podemos demonstrá-lo?

Dom Giussani deu-nos um critério de verificação para reconhecermos se Cristo entrou realmente e está entrando cada vez mais na nossa vida, se se torna a cada dia mais familiar. Para entendê-lo, basta nos referirmos a uma experiência elementar que cada um de nós faz: vemos que uma presença, uma pessoa entrou na nossa vida até ao ponto de se tornar familiar, quando determina o modo de encararmos tudo, de ficarmos diante das coisas e das circunstâncias. Basta pensarem em seus filhos. Ao contrário, quando não há tal familiaridade, ou não a há o suficiente, o ponto de partida continua sendo o de antes: uma determinada impressão das coisas, os esquemas que trazemos conosco. Todos nós podemos comprová-lo.

Não é diferente o que acontece com Cristo. Se, de fato, o acontecimento de Cristo não incide na minha forma de viver, de ficar diante do real, das situações e dos desafios cotidianos, se o *acontecimento de Cristo* presente não determina a forma como vivemos as circunstâncias, isto significa que as encaramos como todos, ou seja, a partir da *impressão* que suscitam em nós, e, como todos, acabamos por ficar sufocados numa vida que «quebra as pernas».⁴ O resultado salta imediatamente aos olhos: uma vida dominada pelas nossas “impressões” – cada um pense em como acorda em algumas manhãs –, em vez de aumentar o entusiasmo por Cristo, torna a fé cada vez mais irrelevante para viver, porque não se vê a pertinência de Cristo às exigências da vida.

Mas, se o entusiasmo por Cristo não aumenta cada vez mais, onde vamos procurar a nossa plenitude? Cada um pode olhar para a própria vida e notar o que é que predomina nela. Uma vez que o nosso coração não pode parar de desejar, inevitavelmente vamos procurar a realização no que nós mesmos fazemos, no nosso «esforço de atividade associativa, operativa, caritativa, cultural, social, política»,⁵ ou então na nossa tentativa profissional. A fé torna-se desta forma apenas uma “premissa” que deixamos para trás. Por isso Dom Giussani nos dizia que «o erro fundamental que podemos cometer [...] é dar por óbvia a fé. Vale dizer: dada a fé, introduzida a fé, muito bem, agora nós fazemos atividades culturais».⁶ Ele não nos dá trégua neste chamado de atenção: «Se tudo o que esperarmos não se esgotar totalmente no que nos foi dado, no fato de que nos foi dado», no Fato de Cristo, todas as nossas atividades, tudo o que fazemos «torna-se a espera do nosso reino».⁷

A pergunta que inevitavelmente se coloca é então: mas essas atividades são capazes de nos realizar? O alarme é aquela sensação de incômodo que nos assalta por um «fazer» que, no fundo, não nos satisfaz.

Mas a insatisfação mesma que sentimos quando esperamos a realização a partir do que fazemos pode tornar-se – se conservarmos uma pobreza última de coração – uma ocasião, a oportunidade de sentir dentro de nós a urgência de voltar ao início, ao entusiasmo por Cristo que nos tinha conquistado.

Escreve-me um jovem médico, confirmando o fato de que a «urgência de voltar ao início», ao entusiasmo por Cristo, diz respeito à vida de cada um de nós, com qualquer idade ou história (podemos ter encontrado o Movimento um ano atrás e ter menos de trinta anos):

⁴ C. Pavese, *Diálogos com Leucó*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 206.

⁵ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit, p. 88.

⁶ Idem, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*. Milão: BUR, 2006, p. 173.

⁷ Cf. idem, apud A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*. Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 406.

«Caro Julián, nestes meses comecei a entender o que você nos tem dito tantas vezes, quer dizer, que se eu não verificar a pertinência da fé às exigências da vida, ela não poderá resistir, e o primeiro sinal é um ceticismo – não explícito –, diria quase uma dúvida, um “quem sabe”, uma incredulidade em relação ao fato de certas coisas, certas chatices da vida, poderem ser abraçadas e mudadas por Cristo. Comigo aconteceu no trabalho. Sou médico especializado num departamento em que os ritmos de trabalho são corridos, a competição e a reclamação são contínuas, e a maior parte dos colegas não tem quase nada fora do trabalho. Nestes dois anos, na tentativa de fazer bem o meu trabalho, deixei-me absorver demais. Na sequência de duas grandes decepções no trabalho, dei-me conta de quanto o trabalho – ou pelo menos como eu o estou vivendo – não é capaz de me restituir, em termos de satisfação, nem sequer um pouco do quanto eu dou a ele: um balanço absolutamente negativo. Este fato me levou também a pensar no trabalho como naquilo que me rouba o tempo para minha mulher e para meus amigos, e as queixas até aumentaram! Ler a Escola de Comunidade, ir à missa, falar com os amigos – mas sem estarmos dispostos a mudar o ponto de vista, querendo só a solução do problema contingente – mostram-se todas tentativas fadadas ao fracasso e deixam-nos cada vez mais céticos quanto ao fato de Cristo poder mudar algo da relação com o trabalho. Por fim aconteceu um fato. Há mais ou menos dois meses eu tenho ido à missa antes do trabalho; há um grupinho de pessoas do Movimento que vão todas as manhãs e, ao fim da missa, tomam um café rápido no bar em frente à igreja: um fato banal e para eles cotidiano. Na primeira manhã em que me juntei a eles, fiquei contente e fiz o trajeto de moto para o trabalho – que normalmente é o momento em que me domina a preocupação com tudo o que vou ter de fazer e com todos os compromissos para encaixar – com a leveza de quem acabou de ver uma coisa bela. Enquanto na maior parte dos meus intervalos no trabalho eu já estou com a cabeça na próxima coisa para fazer, eles naqueles dez minutos estavam ali de verdade, atentos, presentes. Impressionou-me também a atenção por mim, que não os conhecia, e também por alguns mendigos que ficam passando na frente da igreja. Captei uma série de dados que me levaram a perguntar se não seria realmente possível também para mim ficar contente no trabalho. Um pequeno fato reabriu uma brecha nas minhas queixas: uma pergunta que impele a fazer um caminho. Durante um encontro com você e alguns jovens trabalhadores, vi acontecer a mesma dinâmica do bar: impressionou-me a sua liberdade perante nós, o seu não ter nada que defender e, aliás, a curiosidade pelo que poderia aparecer entre nós. Os juízos que você deu mexeram comigo e têm desmascarado muitas vezes a perspectiva reduzida que tínhamos sobre a realidade. Entendo que um olhar tão livre não pode ser produzido por uma mais perfeita e atenta cultura sobre os textos de Giussani, pela participação num maior número de gestos e assembleias, mas só por uma familiaridade com o Mistério. Por isso eu o observei com curiosidade e inveja, e me perguntava continuamente por que você respondia às várias provocações de uma forma diferente de como eu teria feito. Eu estava muito atento para me identificar, para tentar entender como você olha as coisas. Foi bonito porque, para mim, no início seguir foi exatamente assim: uma identificação, quase espontânea, que nascia do maravilhamento por uma diversidade humana.»

Atenção, para redescobrir o entusiasmo do início não adianta só um saudosismo, não é suficiente ficar entre amigos lembrando os velhos tempos. A lembrança de algo que passou não nos devolve o início. Lembrar os bons tempos do namoro não devolve a um casal o entusiasmo perdido nos anos sucessivos. Querem uma prova disso? Observem o ceticismo que se insinua na vida de muitos adultos. A única possibilidade é recontar agora o que nos inflamou no início.

Sobre qualquer outra tentativa nossa de recuperação do início, Dom Giussani expressou-se de maneira definitiva: «Formulemos a hipótese de que se reúnam hoje algumas pessoas que [...] tendo a lembrança impressionante de um acontecimento pelo qual foram tocadas – que lhes fez bem, que até qualificou sua vida –, queiram retomá-lo, preenchendo uma “descontinuidade” que se foi criando ao longo dos anos. [...] Se, por exemplo, elas dissessem: “Vamos nos juntar para formar um grupo de catequese, ou para uma nova iniciativa política, ou, ainda, para desenvolver uma atividade caritativa, para criar uma obra, etc.”, nenhuma dessas respostas seria adequada para vencer a

descontinuidade». Nada mais claro do que isto: «A continuidade com “aquela época” só é restabelecida quando acontece outra vez, hoje, o mesmo acontecimento, o mesmo impacto».⁸ Porque o início é um acontecimento, sempre. E para cobrir a descontinuidade em relação ao início é preciso que reaconteça agora o que aconteceu naquela época, é preciso que ocorra o mesmo acontecimento que nos moveu no princípio.

É o que nos lembrou o Papa Francisco na praça São Pedro: «O carisma não se conserva numa garrafa de água destilada! [...] Dom Giussani não pode reduzir-se a um museu de lembranças [...]. Fidelidade à tradição – dizia Mahler – “significa manter aceso o fogo”».⁹

É só o reacontecer da Sua presença agora que pode restituir-nos o início. Cristo é um acontecimento presente. E a única esperança para nós é conhecer mais a Cristo, se não quisermos perder o entusiasmo que nos conquistou. Por isso, desde o Início de Ano essa frase ficou martelando na minha cabeça.

2. Ao ficarmos mais velhos, uma desmoralização

Nos primeiros Exercícios da Fraternidade, Dom Giussani dizia-nos exatamente que o nosso inimigo é «a ausência do conhecimento de Cristo». Mas de que tipo de conhecimento se trata? Sendo que para nós o conhecimento é normalmente reduzido a um saber conceptual, Giussani adverte-nos que está falando do conhecimento como o entende a Santa Bíblia: «Conhecimento como familiaridade, como afinidade, como identificação, como presença ao coração». Por isso, mais adiante observa: «É como se não prosseguisse [depois do encontro] uma familiaridade que se fez sentir [...]. Há um empecilho que é a distância d’Ele, que é como uma não presença d’Ele, um ser que não determina o coração. Nas ações não é assim, nelas pode ser determinante – vamos à igreja, “fazemos” o Movimento, talvez até rezemos as Completas, fazemos Escola de Comunidade, empenhamo-nos na caritativa, vamos fazer grupos daqui e dali e lançamo-nos, catapultamo-nos até na política –. Não falta nas ações: [...] mas no coração? No coração não! Porque o coração é como a pessoa olha as suas crianças, como olha a mulher ou o marido, como olha o passante, como olha as pessoas da comunidade ou os colegas de trabalho, ou então – principalmente – como se levanta de manhã».¹⁰

Não só. A distância entre Cristo e o coração «explica também outra distância, que se revela também num último empecilho nas relações entre nós, no olhar entre nós, porque é só Cristo [...] que pode tornar-nos realmente irmãos»,¹¹ amigos! Quantas vezes falamos disso e o experimentamos na vida: a distância entre o coração e Cristo torna-se distância entre uns e outros, de modo que entre nós domina uma estranheza última, recíproca.

Ora, Jesus pode estar tão distante do coração, que se torna para nós como um estranho: «Se Jesus viesse aqui em silêncio – *softly* – e se sentasse numa cadeira ali, perto daquela, e todos a certa altura o percebessem, não sei em quantos de nós o maravilhamento, a gratidão, a alegria... não sei em quantos a afeição seria realmente espontânea, mesmo conservando uma certa consciência de si. [...] Não sei se não nos sentiríamos cobertos por um manto de vergonha [...], se nos déssemos conta naquele momento de que nunca dissemos “Tu” [...], se tentássemos viver seriamente o não total naufrágio do seu Eu pessoal no nosso eu coletivo».¹² Perguntemo-nos: quem de nós hoje disse «Tu» a Cristo, com aquela familiaridade com que trata as presenças que lhe são de verdade queridas?

Não é que Cristo seja desconhecido à nossa vida, vejam bem. «Paradoxalmente – insisto – [é Dom Giussani quem fica no pé] Cristo é o motivo mesmo por que fazemos um tipo de vida que não faríamos: e no entanto está longe do coração!» Ao ficarmos mais velhos, virando adultos, embora

⁸ L. Giussani, “Algo que vem antes”. In: *Passos-Litterae Communionis*, n. 100, dez. 2008, p. 3-4.

⁹ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

¹⁰ L. Giussani, *Una strana compagna*, op. cit., pp. 22-4.

¹¹ *Ibidem*, p. 24.

¹² *Idem*, *L’attrattiva Gesù*. Milão: BUR, 1999, p. 151.

fazendo muitas coisas para o Movimento ou em nome do Movimento, Cristo permaneceu longe do nosso coração, pode ainda não ter penetrado no coração. «Eu não considero, com efeito [continua Dom Giussani], que seja uma característica estatisticamente normal que o crescer nos tenha familiarizado com Cristo, tenha tornado mais presença para nós aquela “grande ausência” [...]. Não creio.»¹³

O que sucede se o fato de ficarmos mais velhos não torna Cristo mais familiar para nós? Uma desmoralização assume o controle em nós, «não no sentido banal do termo, mas em relação àquela familiaridade com Deus em que reside a essência da vida do homem».¹⁴ Por isso, se a moralidade é «tender a algo maior do que nós, a desmoralização quer dizer a ausência desse tender. Insisto em que, como discursos e até como obras – não como mentira, mas até veridicamente –, esse tender ressurgue, mas não está em última instância *no coração*. Porque o que está em última instância no coração [...] não tem horas nem tem condições que o impeçam [...]. Assim como o eu não pode suspender o seu viver, igualmente, quando o coração é moral, quando o coração não está desmoralizado, então esse tender para o “mais”, para algo de mais, é como se nunca diminuísse». Não há trégua, amigos, porque aqui estamos falando do coração, não das obras. «O problema está realmente no nosso coração.»¹⁵

Como contrastar essa desmoralização? Neste momento, Dom Giussani renova o destaque ao valor da amizade entre nós, da nossa companhia, da nossa Fraternidade, esclarecendo a tarefa dela: «A nossa companhia deve, acima de tudo, fazer-nos lutar contra essa desmoralização; ela quer ser o principal instrumento contra essa desmoralização».¹⁶

Mas como é que ela pode ajudar-nos nessa luta, de modo que Cristo penetre em nosso coração? Vemo-lo com clareza quando acontece.

«Caríssimo Pe. Julián, eu era um “sumido” da Via Sacra até ontem à noite em Caravaggio, depois de anos de esquecimento total da Sexta-Feira Santa. Sempre tive o alibi do trabalho, por isso faltava tranquilamente nesse gesto sem dúvida nenhuma. No fundo não sentia necessidade. Este ano, sabe-se lá por quê, encontrei um tempo e entendi que a questão é onde se apoia o meu coração. Foi como voltar à origem de tudo. Nos tempos do Tríduo Pascal dos universitários com Dom Giussani em Caravaggio, foi uma das coisas que me fulminaram, aos meus vinte anos. E também me “derrubou” ontem, mas com uma dor lancinante, escutar ao coro cantar *Cristo al morir tendea* e à pergunta cheia de sofrimento de Maria: “Vós o deixaríeis por outro amor?” Marcou-me porque não diz “pelo pecado” ou “pelo mal”, mas “por outro amor”. Na manhã de hoje me fiz perguntas que havia décadas eu já não me colocava, ou que talvez nunca tenha colocado. Perguntei-me por que a Igreja todo ano nos repropõe a Semana Santa. Como é comum passarmos esse tempo como um gesto que no fundo não muda nada em nós, na nossa vida, até porque “já sabemos” e não temos nada para pôr em ordem! Esperamos que passe depressa para voltarmos a nos ocupar de coisas concretas: o trabalho, o dia de pagamento, o marido, os filhos, a casa, o carro, as festas de aniversário, os grupos de Fraternidade (mas em que é que somos irmãos, afinal?), as férias do Movimento ou na praia com os amigos. A Igreja porém quebra, literalmente quebra o tempo, para reabrir aquela ferida que é a minha humanidade. Porque você, amiga, marido, mulher, filho e qualquer movimento do meu coração; você, que é tudo para mim, não vai viver para sempre e vai me trair, e eu vou trair você e traio a mim mesma; você, que amo tão profundamente, não é capaz de manter a promessa que, no entanto, suscitou em mim. Então onde depositar a esperança que o coração não cessa de pedir? Eis o que nos repropõe a Igreja todo ano: descobrir as feridas de todo dia e, a partir da Quarta-Feira de Cinzas, reconhecer-nos necessitados de tudo, recolocar-nos na posição mais verdadeira, a mendicância. A resposta não nos é dada, mas impõe-se a um coração mendicante e que corre, numa nova alvorada, no terceiro dia.»

¹³ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 24-25.

¹⁴ Ibidem, p. 30.

¹⁵ Ibidem, pp. 25-6.

¹⁶ Ibidem, p. 26.

Eis a tarefa da companhia. Por menos do que isto não valeria a pena permanecer nela. «A nossa companhia», insiste Dom Giussani, «deve descer mais a fundo, mais no fundo, dizer respeito a nós mesmos, deve dizer respeito ao nosso coração»,¹⁷ ela deve introduzir-nos – como diz a Escola de Comunidade –, impelir-nos a «um relacionamento profundamente pessoal com Ele»,¹⁸ com Cristo.

Mas, chegando a esse nível, esclarece Giussani, ao nível do meu reconhecimento de Ti, ó Cristo, ou seja, ao nível do coração, ninguém pode delegar a outros uma resposta que só pode ser sua: «Esta é uma responsabilidade [como demonstra a carta que acabamos de ler] [...] que não se pode despejar sobre a companhia. O coração é a única coisa em que é como se não houvesse parceiros [...]. Se se está numa equipe em que cada um tem um papel, um puxa o outro, e assim é no caso do Movimento, nas atividades do Movimento. Aqui não! Por isso, a nossa companhia terá de ser estranha: é como uma companhia sobre a qual não se pode despejar nada».¹⁹

3. Cristo, esperança da realização

Por que Giussani insiste tanto assim na necessidade de que Cristo penetre no coração? A razão é simples: sem Cristo, o coração fica insatisfeito. E a experiência mostra-nos que o coração não pode enganar, porque é objetivo e infalível. Como nos lembra o primeiro capítulo do *Senso religioso*, o coração, como critério de juízo, é objetivo: as exigências originais, com efeito, nós as encontramos em nós, não podemos nós manipulá-las, são-nos dadas com a própria vida. Por isso o coração é infalível como critério: as exigências elementares são infalíveis, tanto é verdade que desmascaram constantemente as reduções e as imagens que fazemos do que deveria responder à sede do coração; o sentido de insatisfação que provamos perante o caos pessoal ou familiar, mas também perante um sucesso profissional, é um sinal evidente disto.

Nessa insistência de Dom Giussani, podemos encontrar toda a sua estima em relação a nós, sua paixão por cada um de nós. Ele é mesmo a encarnação de uma companhia verdadeira, a de quem nunca desiste de chamar-nos a atenção para a única coisa que pode satisfazer o coração. «A ausência de Cristo», com efeito, «demole e deprime, coloca sob a forma estável de depressão o humano. Menos possibilidade da Tua presença, ó Cristo, menos humanidade para o meu coração e o seu coração, menos possibilidade da Tua presença, ó Cristo, menos humanidade no relacionamento do homem com sua mulher, da mulher com seus filhos, com [a consequência d'] aquele estender-se substitutivo à afeição verdadeira, ao amor real, à caridade, à gratuidade do dom de si, [que é a] pretensão [...]. Menos possibilidade da Tua presença, ó Cristo, e menos possibilidade de humanidade para [...] todas as pessoas que se amontoam ao redor de você»,²⁰ de nós.

Qual é o contrário da desmoralização do coração e da depressão do humano, que parece caracterizarem o nosso ficar mais velhos? «O contrário da desmoralização», o de que todos nós precisamos, «é a esperança». Também a nossa amiga nos testemunhava isso. O que Dom Giussani nos diz demonstra-se de forma impressionante em quem quer que faça uma experiência verdadeira de humanidade, seja leal com o que acontece em sua vida. Mas qual esperança? De que esperança se trata? Da esperança no próprio destino, na própria realização. Mas como é possível, com todos os erros, os fracassos, as contradições, que se repetem, multiplicam e acumulam? «É só onde Deus falou ao homem que essa esperança existe.» O conteúdo de tal esperança é de fato o «que o anjo disse a Nossa Senhora: “Para Deus nada é impossível”. Creio que isto seja tudo. O homem novo que Deus veio despertar no mundo é o homem para quem esta afirmação é o coração da vida: “Para

¹⁷ Ibidem, pp. 26-7.

¹⁸ L. Giussani, *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 288.

¹⁹ Idem, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 27.

²⁰ Idem, *Si può vivere così*. Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rímimi, 28-30 de abril de 1995, encarte de *Litterae Communionis-Tracce*, n. 6, 1995, p. 22.

Deus nada é impossível”; onde Deus não é o “Deus” dos nossos pensamentos, mas é o Deus verdadeiro, o vivo, vivente, o que se tornou homem, Cristo».²¹

Recorda-nos a Bíblia: «Eu, o Senhor, sou o Deus de toda criatura. Existe alguma coisa difícil para mim?»²² «Para Deus nada é impossível”! Esta frase está, então, justamente no início da história verdadeira da humanidade, está no início da grande profecia do povo de Israel, está no início da história do povo novo, do mundo novo, no anúncio do anjo a Nossa Senhora, e está no início da ascensão do homem novo, está no início da perspectiva e dos passos do homem novo. [...] Os apóstolos, perante a frase d’Ele: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”, disseram: “Mas quem então poderá entrar no reino dos céus? Quem poderá salvar-se?” E eles não tinham nem eira nem beira, tinham largado aquela meia dúzia de coisas que tinham. Jesus respondeu: “Para vós é impossível, mas para Deus nada é impossível”».²³

Este é o fundamento da esperança, da possibilidade de resgate da desmoralização, de resgate da diminuição dessa inclinação do coração àquilo para o qual é feito: Deus tornou-se homem, Cristo. «Um novo homem entrou no mundo e, com ele, um caminho novo»:²⁴ o impossível tornou-se possível. O cartaz de Páscoa chama a atenção para isso de modo comovente: «Desde o dia em que Pedro e João correram ao sepulcro vazio e depois O viram ressuscitado e vivo no meio deles, tudo pode ser mudado. Desde então e para sempre um homem pode mudar, pode viver, pode reviver. A presença de Jesus de Nazaré é como a seiva que, a partir de dentro – de maneira misteriosa, mas certa – torna verde outra vez a nossa aridez e torna possível o impossível: aquilo que não é possível para nós, não é impossível para Deus. De tal forma que, uma humanidade nova apenas insinuada, para quem tem o olhar e o coração sinceros, torna-se visível através da companhia daqueles que O reconhecem presente, Deus-conosco. Apenas insinuada humanidade, nova, como o tornar-se verde outra vez da natureza amarga e árida».²⁵

Amigos, temos então de pedir ao Espírito a simplicidade de reconhecer Cristo, de «levantar o olhar de nós mesmos para essa Presença»²⁶ que veio ao nosso encontro, e de deixar que ela penetre no nosso coração, como a alvorada de um novo dia.

Só precisamos de uma simplicidade. «Tudo se remete a ter um coração de criança». Que significa? «Levantar o rosto dos próprios problemas, dos projetos, dos próprios defeitos, dos defeitos dos outros, para olhar para Cristo ressuscitado. “Levantar o olhar de si para aquela Presença.” É como se tivesse de passar um vento para varrer para longe tudo o que somos; então o coração fica ou volta a ficar livre, e continua a viver na carne, ou seja, erra como antes [...], mas é como se outra coisa tivesse entrado no mundo. Um novo homem entrou no mundo, e, com ele, um caminho novo. “Eis que se abriu um caminho no deserto: não o vedes?” No deserto do mundo abre-se um caminho, abre-se a possibilidade de “obras”, mas principalmente de *uma obra*. “Obras” são a expressão do humano; “obra” é um humano novo, uma companhia humana nova.»²⁷

Não há outra possibilidade para reencontrar o entusiasmo do início que possamos ter perdido vivendo: «Sem essa simplicidade, sem essa pobreza, sem termos a capacidade de levantar o olhar de nós mesmos para essa Presença, é impossível uma companhia que remova de si aquele empecilho último, [...] que se torne de verdade uma ajuda para o caminho até o destino [...] É preciso levantar o olhar de mim para essa Presença, para a presença de Cristo ressuscitado».²⁸ Levantar o olhar de nós mesmos para voltá-lo à Presença d’Ele é a única possibilidade para vivermos a própria vida

²¹ Idem, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 28.

²² Jr 32,27.

²³ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 29.

²⁴ Ibidem, p. 34.

²⁵ Idem, *Cartaz de Páscoa*, 2018.

²⁶ Idem, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 35.

²⁷ Ibidem, pp. 34-5.

²⁸ Ibidem, p. 35.

ganhando-a e para salvarmos a companhia, superando aquele empecilho último entre nós de que falava Dom Giussani.

Só Cristo está em condições de responder à espera que nos trouxe aqui, como escreve uma de vocês: «Estou à espera dos Exercícios como nunca aconteceu na minha vida!», para citar uma das muitas mensagens que chegaram, cheias dessa espera.

No auge da crise de '68, Giussani dizia aos amigos do Centro Péguy: «É muito necessário que um período termine e que outro comece: o definitivo, o maduro, o que pode aguentar com o choque do tempo, aliás, o choque de toda a história, porque aquele anúncio que começou por impressionar duas pessoas (primeiro capítulo de São João), João e André, há dois mil anos, aquele anúncio, aquela pessoa, é tal e qual o fenômeno que nos atraiu aqui e é o fenômeno que pode fazer com que permaneçamos na Igreja de Deus».²⁹

Peçamos a Cristo que nestes dias faça o nosso coração vibrar de afeição por Ele: é a única possibilidade para O conhecermos realmente, de uma forma que não seja conceptual ou intelectual. Identifiquemo-nos então com a invocação que Dom Giussani tomou emprestada ao *Stabat Mater* atribuído a Jacopodi da Todi, enquanto comenta a versão musical de Dvorák: *Fac ut ardeat cor meum in amando Christum Deum ut sibi complaceam* (Faz com que meu coração arda de amor por Cristo Deus para que possa agradá-Lo). «Faz com que tudo arda em mim! Tudo, tudo até o último fio de cabelo. Faz com que tudo arda em mim, indigno mas feito para cantar: “Te adoro, Redentor”. Que liberdade, que ardor de reconhecimento!»³⁰

Como vocês viram entrando no salão, este ano pensamos em propor a cada entrada uma breve citação de Dom Giussani relativa ao trecho musical que estamos escutando, como ajuda para nos identificarmos mais com o que está acontecendo. Os trechos musicais que propomos, como sabem, não são casuais: Dom Giussani introduziu-nos com o tempo a cada um deles justamente pela potência que podem ter ao nos facilitarem o silêncio. Quem observou as imagens de Caravaggio enquanto estava escutando o *Fac ut ardeat* terá feito experiência disso. Não é o mesmo ficarmos distraídos ou usarmos o celular em vez de nos deixarmos levar pelo que está na nossa frente: prestar atenção é para não reduzir o alcance do que está acontecendo.

Vamos pegar, por exemplo, o que Dom Giussani nos disse de uma obra de Mozart, a *Grande Missa em dó menor*, que tantas vezes escutamos durante os nossos gestos: «Este lindo canto ajudanos a nos recolhermos num silêncio agradecido, de modo que pode nascer no coração, pode desabrochar no coração a flor do “sim” pelo qual o homem consegue agir, consegue tornar-se colaborador do Criador [...]: amante do Criador. Assim como foi para Nossa Senhora [...]: uma relação sem fim preenchia seu coração e seu tempo. Se a intensidade religiosa da música de Mozart – uma genialidade que é dom do Espírito – penetrasse no nosso coração, a nossa vida, com todas as suas irrequietações, contradições e dificuldades, seria bela como a música dele».³¹

Eu, com vocês, desejo deixar-me educar cada vez mais pelo carisma a viver o silêncio, *esse* silêncio, que é o «sermos preenchidos no coração e na mente pelas coisas mais importantes», pela Presença mais decisiva para a vida. «O silêncio [...] coincide com o que nós chamamos de memória.» Nestes dias que vamos viver juntos, «a memória será favorecida pela música que vamos ouvir ou pelos quadros que vamos ver [no telão]; assim nos disporemos a olhar, a escutar, a sentir com a mente e com o coração o que de alguma forma Deus nos vai propor»,³² para nos deixarmos levar, tomar por Ele.

²⁹ Idem, apud A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, op. cit., pp. 427-8.

³⁰ Idem, “La festa della fede”. In: S. Chierici; S. Giampaolo (Orgs.), *Spirto Gentil: Un invito all’ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*. Milão: BUR, 2011, p. 289.

³¹ Idem, “Il divino incarnato”. In: *Spirto Gentil*, op. cit., p. 55.

³² Idem, *Dare la vita per l’opera di un Altro*. Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rímimi, 8-10 de maio de 1992, encarte de *CL-Litterae Communionis*, n. 6, 1992, p. 5.

Todas as tentativas que fazemos – a escolha de uma determinada música, dos cantos e das imagens – são para aprendermos a dar espaço a um Outro, que ademais é a única grande razão que pode ter-nos trazido aqui hoje.

Chamo a atenção, por isso, para uma atenção particular ao silêncio nestes dias, nos trajetos desde os hotéis, na entrada e na saída dos salões. O gesto que vamos viver depende muito da contribuição de cada um de nós: peço, por mim e por todos nós, que não desperdicemos esta ocasião.

(© 2018 Fraternidade de Comunhão e Libertação)